



Palmeiras-juçara dispostas em fileiras na agrofloresta de Geraldo Oliveira, no bairro Guapiruvu, em Sete Barras (SP) | Ilustração: Fátima/Polêmica

Ex-palmiteiros viram guardiões de espécie ameaçada no Vale do Ribeira

Região que foi cenário recente de extração predatória do palmito-juçara agora é exemplo de conservação ambiental, mas enfrenta efeitos das mudanças climáticas

Beatriz Garcia e
Fernando Azevêdo

SETE BARRAS (SP) O Vale do Ribeira, cenário histórico da extração predatória do palmito-juçara, tornou-se exemplo de preservação da espécie. Produtores rurais em Sete Barras (205 km de São Paulo), muitos deles ex-palmiteiros, hoje cultivam o fruto da palmeira com técnicas sustentáveis.

A juçara é uma planta nativa da mata atlântica cujos frutos alimentam cerca de 70 espécies de animais. A exploração em larga escala do palmito quase levou a espécie à extinção, porque a colheita esgota o corte total do caule, matando a planta.

A extração virou crime ambiental em 1998 (lei nº 9605), mas continuou por mais de 20 anos na região, por ser a principal fonte de renda de Guapiruvu, bairro que reúne cerca de 150 famílias. A organização em assentamentos de reforma agrária, no início dos anos 2000, permitiu a diversificação da atividade econômica.

Atualmente, uma das atividades da região é a extração da polpa do fruto da juçara, cujo cultivo é permitido. Outras fontes de sustento são o palmito pupunha e a banana. Hoje, 11 famílias do Guapiruvu usam o sistema de agrofloresta, em que se cultivam plantas frutíferas em meio à mata nativa, preservando a biodiversidade e protegendo o solo, e produzem alimentos orgânicos.

Ex-extrativista, Silvano Teixeira Junior, 32, conta que a exploração ilegal era quase obrigatória para sobrevivência, mesmo

anos após a proibição. "Diz que têm acima de 25 anos, quase todos daqui cortaram palmito", diz.

Junior começou a trabalhar aos sete anos com seu pai, com auxílio de mulas. O processo, chudestino, era lucrativo. Hoje, o produtor tem uma plantação de banana e pupunha. Alguns ex-palmiteiros como ele migraram para o cultivo convencional de banana, que utiliza agrotóxicos e esterco.

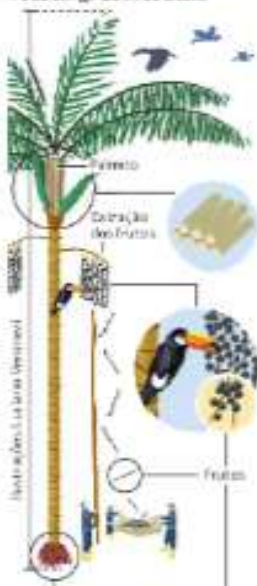
Já Narciso Giuchinin, 69, chegou ao Guapiruvu há 32 anos e encontrou uma paisagem bem diferente da atual. Onde hoje há fileiras de palmitais e bananais, entremeadas por árvores frutíferas e nativas da mata atlântica, havia área desmatada com solo degradado.

Antes, Giuchinin trabalhava em empreitadas, derrubando as árvores que agora crescem em seu assentamento. Ele, que também foi extrativista, lembra que a rotina para conseguir um palmito "de primeira" era árdua: sair por volta das 4h e voltar às 22h.

Há 34 anos, quando Giuchinin conseguiu ser assentado, dispersou sementes de juçara e de árvores frutíferas pelo terreno. "A juçara vai aumentando a cada ano que passa, porque dá frutos e os bichos carregam. Parei de sementar. Agora, quem semeia são os bichos".

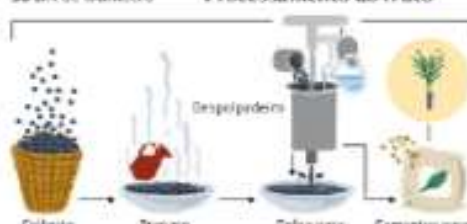
As mudanças climáticas já interferem na agricultura. Segundo Vânia Trindade, 37, a mudança no regime de chuvas e na temperatura afeta a germinação das sementes de juçara, e a instabilidade do clima dificulta o planejamento das safras. Ela cultiva banana e pupunha, mas vem de

Podem atingir 20 m de altura



O caule chega a 10 cm de diâmetro

Processamento do fruto



As sementes passam por um controle de qualidade antes de serem lançadas via drone em áreas de proteção ambiental

Fontes: Universidade de São Paulo, Embrapa, Cooperativa e Rodrigo Levisson, diretor-executivo da Fundação Florestal

Conheça a juçara, espécie símbolo da mata atlântica

Atualmente, a extração é autorizada apenas com um plano de manejo aprovado pelos órgãos ambientais estaduais

O palmito é extraído do tronco, e a palmeira morre

Os frutos possuem um alto valor nutritivo e alimentam cerca de 70 espécies de aves e mamíferos, que dispersam as sementes pela floresta

8 anos

é a idade média para a juçara atingir a maturação do palmito



uma família que extraía palmito na floresta.

Geraldo Oliveira, 74, chegou ao bairro na década de 1980. Começou com o gengibre, que era uma das maiores fontes de renda na região e degradou o solo. Depois, plantou banana, em monocultura e com agrotóxicos.

Em 1999, Geraldo conheceu uma forma de cultivo mais harmoniosa, durante visita ao Guapiruvu do sítio Ernst Götsch — referência em agricultura regenerativa. O sistema agroflorestal adotado por Geraldo aumentou sua produção, além de trazer benefícios ambientais.

A Cooperativa (Cooperativa Agropecuária de Produtos Sustentáveis do Guapiruvu), que reúne cerca de 10 produtores, movimentou R\$ 5,5 milhões em 2022. Segundo a entidade, seus principais produtos são banana, polpa e semente de juçara e pupunha.

"O palmito não é um criminoso, no aspecto mais deletério da palavra. Ele busca oportunidade de renda para sustentar sua família através da floresta", afirma Rodrigo Levisson, diretor da Fundação Florestal, órgão responsável pela administração dos parques estaduais.

Os órgãos ambientais perceberam que não adiantava apenas reprimir a cadeia ilegal da juçara e começaram a trabalhar em conjunto com comunidades tradicionais. Exemplo disso é o Programa de Conservação da Palmeira Juçara (Projeto Juçara), criado em 2021 para repovoar a espécie nas unidades de conservação paulistas.

Entre 2021 e maio de 2022, a entidade comprou 76 toneladas de sementes de juçara no estado, plantadas em parques estaduais — investimento de R\$ 715 mil.

Frederico Viegas, antropólogo do Instituto Socioambiental (ISA), diz que comunidades tradicionais quilombolas e extrativistas ainda carregam o estigma de ser responsáveis pela devastação da espécie, num processo de criminalização que desconsidera os incentivos oficiais do passado. Ele vê no Projeto Juçara "um esforço para o diálogo".

O trabalho da Cooperativa atrai aspersões mais novas. Exemplo é Luan Gomes Ribeiro, 18, que atua na parte administrativa da entidade e enxerga a tecnologia como aliada da sustentabilidade. A maioria dos jovens fica no Guapiruvu, trabalhando na agricultura sustentável, no ecoturismo e nos programas ambientais.

Gilberto Ohta, 65, diz que o bairro é de jovens e resultado das atividades socioambientais desenvolvidas ao longo dos anos. Em uma agrofloresta, ele produz juçara, banana e outras frutas.